

## OS TRABALHADORES GRÁFICOS NO ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL (1933-1943)<sup>1\*</sup>

Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Universidade Federal de Pelotas  
[aristeuufpel@yahoo.com.br](mailto:aristeuufpel@yahoo.com.br)

**Resumo:** Em 1932 o governo de Getúlio Vargas decretou uma série de leis direcionadas aos trabalhadores, entre elas, criou a carteira de trabalho. A Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul iniciou a confecção das carteiras de trabalho a partir de 1933 e uma parte de seu acervo – as fichas de identificação ou fichas espelho – encontra-se no Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas. A proposta deste artigo é apresentar o acervo e uma das suas possibilidades de pesquisa proporcionadas pelas 627.000 fichas existentes. Dessa forma, o objetivo é averiguar as informações das fichas sobre os trabalhadores gráficos entre 1933 a 1943, período já digitado em um banco de dados criado para receber os itens preenchidos das fichas. Entre esses trabalhadores, é possível identificar, tipógrafos, livreiros, jornaleiros e litógrafos, todos ligados a estabelecimentos gráficos e livrarias e que naqueles anos solicitaram suas carteiras de trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalhadores gráficos – carteira de trabalho – Rio Grande do Sul

### Considerações iniciais

A proposta deste artigo consiste em apresentar o acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, o qual está sob os cuidados da Universidade Federal de Pelotas. Um dos objetivos é apresentar esse acervo e os projetos desenvolvidos a partir das fichas de qualificação que o constituem e, posteriormente, apresentar uma das possibilidades de pesquisa proporcionadas a partir dessa documentação. Assim, almeja-se apontar algumas considerações sobre os trabalhadores gráficos envolvidos com atividades como aquelas desenvolvidas em tipografias responsáveis pela veiculação de jornais no estado ou empregados vinculados a livrarias e papelarias. É justamente a partir dos dados quantitativos dos trabalhadores de uma dessas livrarias, a Livraria do Globo, que será exemplificado como a carteira de trabalho se tornou um documento importante.

O universo gráfico no Rio Grande do Sul se desenvolveu no século XIX nas principais cidades da então Província; Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande concentraram a maioria dos jornais que circularam no período. Essa produção tipográfica foi acompanhada por

---

<sup>1</sup> \* Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Traçando o Perfil do Trabalhador Gaúcho” coordenado por mim e desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas. Os dados apresentados contaram com a colaboração da aluna do Curso de História (Bacharelado) Biane Peverada Jaques, bolsista PIBIC do CNPq que desenvolve atividades no projeto sob minha orientação.

um número variado de livrarias, responsáveis pelas novidades literárias nacionais e internacionais, além da publicação de livros com selos próprios (MAGALHÃES, 1993: 255). O desenvolvimento gráfico no estado não cessou no período republicano, mas, ao contrário, aumentou com a transformação do universo gráfico no qual o jornalismo, por exemplo, se consolidava como empresa a partir das primeiras décadas do século XX (RÜDIGER, 2003: 14). É nesse momento que as fotografias passam a integrar os jornais e a imprensa se diversifica com páginas ilustradas, coloridas e destinadas, sobretudo, a alta sociedade (JÚNIOR, 2009). Igualmente a produção de livros aumenta e, conseqüentemente, as livrarias passam a se tornar lugares cada vez mais frequentados e pontos de encontro.

Ainda, é nesse momento que o Brasil passa por modificações políticas significativas a partir da Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. As fichas de qualificação averiguadas neste artigo permitem compreender, por um lado, o crescimento dos estabelecimentos gráficos no estado e, por outro, que os empregados gráficos também solicitavam suas carteiras de trabalho atendendo ao chamado do governo. Essas questões constituem o cerne da proposta desse artigo que será desenvolvido nos próximos tópicos.

### **A Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul e os projetos desenvolvidos a partir do seu acervo**

O acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul vem sendo pesquisado desde sua instalação na Universidade Federal de Pelotas. Atualmente dois projetos estão em desenvolvimento. Um deles de pesquisa, que se chama *Traçando o perfil do trabalhador Gaúcho* e que conta com uma bolsista de iniciação científica do CNPQ e outro de extensão, intitulado *Acervo da Delegacia Regional do Trabalho - Limpeza e reorganização* que possui uma bolsista de extensão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Pelotas. O acervo que será apresentado pertence, desde 2001, ao Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas, proveniente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que detinha até então a guarda.

O total do acervo da DRT é composto por 1053 caixas tipo “arquivo permanente”, existindo ainda outras 53 caixas para os registros em forma de cadernos. O total é de 627.213 fichas, com dados e fotos individuais, distribuídos em 12.736 cadernos ou livros. Além disso, acompanham o acervo diversos documentos avulsos, como pedidos de benefícios, certificados de reservista, atestados de residência e fotos soltas, de pessoas ou atividades sindicais, entre outros documentos, somando 28.593 unidades. O material encontra-se razoavelmente organizado, dividido por anos e cidades (LONER, 2010: 19-22).

Os projetos pretendem analisar alguns elementos que caracterizam o perfil do trabalhador gaúcho, a partir dos dados constantes das *Fichas de Identificação, ou fichas de qualificação (ou ainda fichas espelho)* da Delegacia Regional de Trabalho do Rio Grande do Sul, que contêm as informações que eram necessárias para a feitura das carteiras de trabalho entre os anos de 1933 e 1968.

Em projeto anterior, coordenado pela professora Beatriz Ana Loner, e financiado pela Petrobrás, através do concurso “Memória do Trabalho”, conduzido pelo CPDOC-FGV, foi feita a criação de um Banco de Dados compatível com as necessidades do projeto, no que se refere a digitação das informações pessoais do requerente da carteira, ao mesmo tempo que foi organizada, higienizada e digitada a primeira década entre 1933 e 1943 (LONER, 2010: 08-11). O banco de dados que resultou do projeto tem uma abrangência suficiente para permitir a digitação de toda a massa documental, além de possibilitar uma ampla variedade de cruzamentos dos dados armazenados.

O Banco de Dados é extremamente preciso, flexível e sofisticado o suficiente para permitir praticamente qualquer tipo de cruzamento dos dados entre si, o que facilita a tarefa de análise dos mesmos. A interface digitável desse banco de dados possui cerca de 50 campos, dois deles com espaço para digitação de sinais particulares ou observações do digitador, formando um conjunto extremamente rico e relevante das combinações facilitando a pesquisa e a análise dos dados procurados (LONER; BEM; KOSCHIER, 2010: 27-30). Esses dados são encontrados em dois modelos de fichas, o primeiro que vigorou até 1942 e o segundo, de 1943 em diante. Atualmente estamos trabalhando com 43 campos digitáveis no modelo da ficha antiga e 50 no modelo da ficha nova.

Em continuidade ao trabalho anterior, foram desenvolvidos os atuais projetos, de pesquisa e de extensão, que tem por objetivo digitar todas as informações das fichas do período entre 1944 e 1954. O corte cronológico inicia com a sequência da digitação das fichas e encerra no último ano do período Vargas, governo com política econômica nacionalista, cobrindo assim o período de industrialização por substituição de importações e antes da entrada do capital multinacional e associado no país (FORTES, 2004).

Uma tarefa importante realizada pelas bolsistas, pelos estagiários do curso de Bacharelado em História e por voluntários é a higienização das fichas e a sua organização e armazenamento. Este é um trabalho fundamental uma vez que é através da sua realização que se torna possível localizar, quando necessária, uma das fichas, entre as mais de 600 mil que constituem o acervo.

Os projetos pretendem ainda proporcionar aos interessados sobre a história dos trabalhadores do Rio Grande do Sul o desenvolvimento de pesquisas relacionadas as informações já digitadas. No momento, além da pesquisa sobre os gráficos, ora apresentada nessa comunicação, desenvolvem-se outras sobre trabalhadores imigrantes alemães, e

trabalhadores negros. Esta associada com o jornal *A Alvorada* e os discursos sobre os direitos dos trabalhadores no começo da década de 1930.

Através da análise dos campos do Banco de Dados torna-se possível caracterizar o trabalhador em seus dados antropológicos concretos, como cor, gênero, faixa etária, estatura ou dados culturais, como profissão e grau de instrução e número de pessoas da família. Local de trabalho e moradia, origem, estado civil, número de filhos e nacionalidade são outros fatores passíveis de serem analisados para comporem este delineamento do trabalhador de carteira assinada no período de abrangência da confecção das fichas. Também é possível averiguar questões correlatas, como o impacto do salário mínimo sobre o processo de acumulação no país, e a origem do trabalhador, se do meio rural ou urbano.

Os projetos já digitaram cerca de 43.000 fichas. Parte das fichas se referem aos dez anos iniciais (1933-1942) e os dados trazem informações sobre trabalhadores de 41 cidades do estado. A partir de 1943 o número de fichas cresce exponencialmente, devido a maior procura da carteira pelos trabalhadores, a estruturação da delegacia e sua ampliação para o interior do estado e também devido aos esforços do governo para lograr sua implantação entre os agentes do trabalho. Devido a isso, é necessário cautela ao propor períodos muito longos para a digitação dos dados, pois a quantidade de fichas espelho por ano aumenta consideravelmente.

### **A história da carteira de trabalho no Brasil**

A elaboração das carteiras era atribuição do Departamento Nacional do Trabalho, criado em fevereiro de 1931 com a finalidade de tomar as medidas necessárias para o estabelecimento da Previdência Social no Brasil. A Carteira de Trabalho surgiu no ano seguinte, juntamente com vários outros decretos, que visavam regular a jornada de trabalho de algumas categorias ou coibir abusos ao trabalho feminino e infantil. Nesse mesmo momento, foram instituídas as Comissões Mistas de Conciliação e Julgamento, que em novembro daquele ano foram restritas apenas aos sindicalizados e, mais tarde, substituídas pela Justiça do Trabalho. Embora alguns desses direitos sofressem reveses temporários, especialmente na Constituição de 1934, em sua maioria foram reafirmados durante o período do Estado Novo pelo governo e consolidados em 1942 pela CLT (FRENCH, 2001).

Entende-se, portanto, que o estabelecimento da carteira foi parte inicial e importante da legislação social para o trabalhador pois, como afirma Angela de Castro Gomes, a carteira foi uma “criação do pós-30 e documento por excelência do novo regime, traduzia o tipo de relação entre cidadão e estado que se desejava construir”. (GOMES, 1988: 242). As palavras do então ministro Marcondes Filho, impressas até 1988 na carteira, retratariam sua missão:

Por menos que pareça e por mais trabalho que dê ao interessado a carteira profissional é um documento indispensável à proteção ao trabalhador.

Elemento de qualificação civil e habilitação profissional, a carteira representa também título originário para a colocação para a inscrição sindical e, ainda, um instrumento prático do contrato individual de trabalho.

A carteira pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida. Quem a examinar, logo verá se o portador é um temperamento aquietado ou versátil; se ama a profissão escolhida ou ainda não encontrou a própria vocação; se andou de fábrica em fábrica como uma abelha, ou permaneceu no mesmo estabelecimento, subindo a escala profissional. Pode ser um padrão de honra. Pode ser uma advertência. (GOMES, 1988: 255-256, nota 18).

A advertência ao trabalhador ainda hoje é função cumprida pela carteira e não só em relação a sua eventual mobilidade de emprego. A hipótese contrária, de não haver nenhuma anotação, também é interpretada como falta de experiência profissional ou de competência do candidato, fato arduamente sabido por todo aquele que tenta ingressar no mercado de trabalho regulamentado.

O decreto nº 21.175, de 21 de março de 1932, que estabelecia a Carteira de Trabalho, a colocava como opcional ao trabalhador, mas sua regulamentação pelo decreto nº 22.035, de 29 de outubro do mesmo ano, a transformou rapidamente em imprescindível. Seu artigo 12º estabeleceria sua validade como documento de identidade e o 13º a transformaria em prova comprobatória em caso de conflitos entre patrões e trabalhadores. Mas é o artigo 25º que praticamente impunha sua obrigatoriedade para todos aqueles que decidissem buscar a proteção oficial nas relações trabalhistas, pois afirma que o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), “só tomará conhecimento de queixas e reclamações de empregados que possuam carteiras profissionais” (KOSCHIER, 2006: 5). No ano seguinte, através do decreto nº 24.694, de 12 de julho de 1934 condicionava-se a sindicalização aos empregados com carteira profissional. (TROYANO, 1978). Por fim, na tentativa de incentivar a sindicalização oficial, o governo terminou impondo que só teria direitos aos benefícios trabalhistas (como lei de férias e aposentadoria) o trabalhador que possuísse carteira e fosse sindicalizado.

E, portanto, fazer a carteira tornou-se praticamente obrigatório aos trabalhadores urbanos, o que explica a demanda pelo documento, independentemente de posições favoráveis ou desfavoráveis a posição do governo na questão sindical. Segundo o Boletim do MTIC, de março de 1935, até aquele momento haviam sido solicitadas, em todo o país, 601.380 carteiras, tendo sido entregues 437.341 (KOSCHIER, 2006: 7).

Nos anos e décadas seguintes, a carteira assinada se tornou a aspiração de todo o trabalhador urbano, pois representava a garantia de direitos, como estabilidade, salário regular, aposentadoria e inclusão em serviços previdenciários. Dessa forma, tornou-se hábito “tirar” a carteira logo ao início da vida profissional.

Nos dados já analisados da década de 1930, embora a porcentagem de jovens fosse muito grande, a maioria dos trabalhadores que buscavam a carteira já eram empregados, o que facilita a visualização dos postos de serviço existentes e havia quase que dois terços de trabalhadores com idade superior a 22 anos fazendo sua carteira.

### Os empregados gráficos no acervo das fichas da Delegacia Regional do Trabalho

Entre as mais variadas profissões desenvolvidas pelos trabalhadores, e que foram por eles declaradas em suas fichas, foi encontrado um conjunto significativo de trabalhadores relacionados a estabelecimentos gráficos.

A partir do cruzamento dos campos das fichas, já digitados no banco de dados, foi feito um levantamento sobre os empregados gráficos, ou aqueles relacionados as empresas gráficas, e uma análise quantitativa dessas informações. Inicialmente foram buscadas apenas aquelas informações mais gerais sobre os empregados envolvidos com o universo gráfico, ou seja, naquele momento, a busca foi restringida somente a empresas e ofícios. O resultado apontou 1.095 trabalhadores no período entre 1933 e 1943.

Ressalta-se que esta pesquisa está em andamento e foi iniciada no final de 2011. Assim, os resultados aqui apresentados referem-se somente a primeira etapa, a do levantamento das informações dos dados já digitados. Posteriormente, pretende-se aprofundar a análise a partir de pesquisas mais específicas, por exemplo, quem são os trabalhadores envolvidos na produção e confecção dos jornais encontrados no levantamento?

No entanto, retomando a parte quantitativa, foi possível encontrar uma gama variada de profissões. Entre elas, encontram-se algumas diretamente envolvidas com a atividade como: tipógrafo, datilógrafo, pautador, impressor, litógrafo, jornalista, desenhista, redator de jornal, encadernador, linotipista, fotógrafo, gráfico, escritor, cortador, dourador, revisor, pomizador, ponçador<sup>2</sup>, margeadeira<sup>3</sup>, repórter, impressor de litografia, mecanógrafo, cronista e numerador a mão.

Outros empregados desenvolviam seus ofícios específicos, mas relacionados as empresas gráficas, como auxiliar de comércio, doméstica, comerciário, servente, empacotador, guarda noturno, eletricista, carpinteiro, *chauffeur*, caixeiro, guarda-livros, telefonista, contador, contínuo, auxiliar de escritório, costureira, operário e advogado.

2 Ponçador é o trabalhador responsável pela utilização de um instrumento de mesmo nome: “Instrumento utilizado para ponçar (preparar) a pedra litográfica, constituído de disco de metal com furos que conduzem areia e água, e de um cabo vertical que é usado para girá-lo sobre a superfície da pedra” (*ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Artes Visuais*. Verbete: Ponçador. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br> Acessado em: 04/05/2012). O Ponçador, ou pomizador, é, portanto, o operário responsável pela preparação das pedras litográficas ou pelas folhas de zinco (zincografia); seu trabalho consistia em apagar os desenhos deixando a pedra ou as folhas de zinco prontas para serem usadas novamente.

3 operário responsável por colocar na máquina as folhas de papel que devem ser impressas.

Ainda, há um número significativo de aprendizes: de litógrafo, de expedidor, de tipógrafo, de linotipista, de impressor e de encadernador.

A pesquisa considerou como empresa gráfica aquelas relacionadas a produção de jornais, livrarias, litografias, oficinas gráficas, tipografias, livrarias e papelarias e empresas jornalísticas. Muitos dos requerentes declaravam o tipo de estabelecimento apenas como “jornal”, “jornal diário”, “jornal periódico”, “jornal semanal”, “diário desportivo” “revista” e “imprensa”.

Entre os jornais, estão os porto-alegrenses: *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*, os pelotenses *Diário Popular*, *Opinião Pública*, *A Folha do Povo* e *A Palavra*. Além de jornais de outras cidades, como *A Folha* de Jaguarão, *Gazeta de Alegrete* de Alegrete, *A Evolução* de Arroio Grande, *Correio do Sul* de Bagé e *O Imparcial* de São Gabriel.

As tabelas abaixo exemplificam as possibilidades de pesquisa através do levantamento realizado sobre os trabalhadores gráficos. A primeira apresenta alguns dados sobre estabelecimentos e o número de trabalhadores. A tabela mostra dados apenas de alguns estabelecimentos encontrados no levantamento sendo que destes, é possível verificar um número considerável de trabalhadores que declaravam como local de trabalho a Livraria do Globo. A quantidade de trabalhadores desse estabelecimento se destaca quando comparada, por exemplo, com os empregados das Livrarias Americana, de Pelotas, e Livraria Selbach, de Porto Alegre.

Tabela 1 – Possibilidade de pesquisa no tocante a estabelecimento

Nome do estabelecimento	Número de funcionários
Bertaso, Barcellos e CIA	23
CIA Metzeler LTDA	52
Correio do Povo	17
Diário de Notícias	17
Emp. Gráfica Diário Popular LTDA	15
J. R. da Fonseca e CIA	83
Livraria Americana	35
Livraria do Globo	290
Livraria Selbach	44

Fonte: Banco de Dados da DRT-RS / NDH-UFPEL

Já a segunda tabela permite identificar algumas das profissões listadas acima e o

número de trabalhadores por ofício. Nela é possível, por exemplo, verificar um número considerável de encadernadores e tipógrafos empregados em estabelecimentos variados desde empresas jornalísticas a livrarias. Ainda nessa tabela é percebido uma quantidade significativa de trabalhadores que se identificavam como jornalistas enquanto apenas dois declaravam seu ofício como repórter.

Esse é um ponto importante visto que, por um lado, ainda é necessária uma pesquisa mais aprofundada em relação a estes trabalhadores, uma vez que não é possível fazer uma relação com a profissão na atualidade. Jornalista poderia ser desde o responsável pela divulgação e assinaturas do jornal até aquele que desenvolvia, de fato, a profissão de jornalista redigindo as matérias e artigos. Já o repórter era uma designação mais específica relacionada ao jornalismo investigativo. O repórter era o responsável por se dirigir “rapidamente aos locais das tragédias, para transcrever nos jornais as cenas visualizadas em toda a sua intensidade” (BARBOSA, 2007: 52), ou seja, ele cobria os acontecimentos, trágicos e/ou policiais ou, então, realizava matérias após pesquisas e investigações<sup>4</sup>.

Tabela 2 – Número de profissionais por profissão

Profissão	Número de profissionais
Encadernador	100
Fotógrafo	17
Gráfico	27
Impressor	79
Jornalista	118
Repórter	2
Servente	49
Tipógrafo	156
Zelador	1

Fonte: Banco de Dados da DRT-RS / NDH-UFPel

Já entre as livrarias o levantamento permitiu verificar que a Livraria do Globo se destaca, se comparada às demais. Ela igualmente se sobressai no universo das informações levantadas sendo possível afirmar que foi o estabelecimento que mais promoveu aos

4 Nas primeiras décadas do século XX surgiu nas principais cidades do Brasil um jornalismo específico no que se refere a veiculação de notícias sobre tragédias, assassinatos, meretrício, conflitos populares entre outras notícias cotidianas. Esse tipo de imprensa ficou conhecida como sensacionalista. Ver, entre outros: (OTTONI, 2007), que trata de crimes envolvendo meretrizes no Rio de Janeiro e (GOUVÊA, 2012) que aborda o jornal sensacionalista *O Rebate* que circulou na cidade de Pelotas entre 1914 e 1923.

seus funcionários a confecção das carteiras. No total, 290 trabalhadores solicitaram o documento. Ainda é importante ressaltar que a Livraria do Globo pertence a uma firma maior, a “Barcellos, Bertaso e Cia” da qual a Seção Editora se tornou, a partir de 1930, em um departamento especializado (TORRESINI, 1999: 56). Conforme a tabela 1 é possível identificar 23 trabalhadores que declararam como estabelecimento de trabalho “Bertaso, Barcellos e CIA”. A partir dessa informação pode se considerar que estes 23, ao contrário dos demais 290 trabalhadores, estavam vinculados exclusivamente a Editora Globo, ou seja, não atuavam nas frentes de produção da Livraria ou no atendimento ao público, por exemplo, como se evidencia a partir das fichas daqueles que identificavam como seu estabelecimento de trabalho “Livraria do Globo”. Nesse momento serão considerados apenas estes últimos trabalhadores.

É possível apontar que a Livraria do Globo, assim como várias outras empresas, levavam seus funcionários em grupo até a delegacia para solicitarem a carteira. Essa constatação é feita nas próprias fichas, já que em muitos casos é possível verificar que a numeração da declaração apresenta empregados de uma mesma empresa em sequência.

No caso da Livraria do Globo somente numa única vez foram solicitadas 98 carteiras conforme indicam a numeração das fichas entre os números 8351 e 8449. Nessas fichas, é possível perceber que esses trabalhadores da Livraria do Globo formavam um grupo variado, entre eles estavam nove litógrafos e sete impressores de litografia, além de 1 *chauffeur*, 2 eletricitas, 1 carpinteiro e 1 mecânico.

Nesse mesmo grupo aparecem apenas 2 encadernadores e três auxiliares de encadernador enquanto o número de aprendizes de encadernador totalizam 26 trabalhadores. Esses dados demonstram que essa profissão, naquele momento, era considerada promissora, visto que muitos outros aprendizes de encadernador foram encontrados no levantamento. Por outro lado, os 2 encadernadores da Livraria do Globo, não significa que eles eram os únicos trabalhadores com esta especialização do estabelecimento, outros solicitaram suas carteiras em momentos diversos e separados desse grupo.

O número de trabalhadores e a diversidade de ofícios encontrados no que se refere a Livraria do Globo não surpreende. A Livraria fazia parte do processo de industrialização do Brasil no qual a indústria cultural estava inserida. Iniciada no começo dos anos 1880 como uma simples papelaria, que se tornou em seguida uma tipografia, a Livraria do Globo alcançava números expressivos na época em que seus trabalhadores solicitavam suas carteiras.

Conforme Elisabeth Torresini (1999: 56), entre as décadas de 1930 e 1940, a livraria se tornou um complexo empresarial com filiais nas principais cidades do Estado e escritórios no Rio de Janeiro e em São Paulo. Já sua seção editorial foi responsável pela

publicação de livros de autores nacionais como Souza Lobo, Lindolfo Collor, Zeferino Brasil, Aquiles Porto Alegre e José Pinto da Silva (DALMÁZ, 2002: 30). Ainda, criou coleções especialmente voltadas para a publicação de autores estrangeiros como a Coleção Amarela dedicada a novelas policiais, crimes, mistério e aventura e a Coleção Inquéritos sobre a Rússia (TORRESINI, 1999: 69-70).

Um dos trabalhadores da Livraria do Globo foi Érico Veríssimo, um dos solicitantes da carteira de trabalho conforme aponta a sua ficha espelho preenchida com seus dados em 1933, mesmo ano em que assumiu a direção da *Revista do Globo*. No ofício declarava a ocupação pela qual se tornaria conhecido: escritor, embora executasse outras tarefas como traduzir contos e artigos de outras publicações que deveriam ser publicadas na *Revista* (TORRESINI, 1999: 68)<sup>5</sup>. A *Revista do Globo* se tornou um dos periódicos mais importantes do Brasil, como suas congêneres *Careta*, *Fon-Fon* e *O Cruzeiro*, e contribuiu para consolidar o jornalismo moderno no Rio Grande do Sul, o qual foi proporcionado pelos trabalhadores dedicados as artes gráficas.

## Considerações finais

Enfim, é possível apontar duas considerações em relação a pesquisa realizada com as fichas da Delegacia Regional do Trabalho.

A primeira é mais geral, ou seja: considera-se que a análise dos dados coletados poderá trazer outros esclarecimentos sobre quem era o trabalhador, ou trabalhadora, que buscava sua carteira profissional no estado do Rio Grande do Sul, e com quais qualificações e características ele se apresentava no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, a pesquisa pôde auxiliar, inclusive, a entender melhor quais os mercados para os trabalhadores com carteira assinada no estado, que, nesse momento, abrigava um dos maiores parques industriais do país.

Já a segunda consideração é específica e associada a anterior. É possível avaliar que uma parte desses questionamentos já estão sendo respondidos através da análise dos dados sobre os empregados vinculados aos estabelecimentos gráficos, o que demonstrou, por exemplo, a existência de um número significativo de empresas ligadas ao universo gráfico, as quais contavam com um número variado de trabalhadores; alguns voltados especificamente aos ofícios gráficos – fossem profissionais, fossem

---

5 Importante ressaltar que além da veiculação da produção literária local e nacional e de traduções, a *Revista do Globo* utilizava seu espaço publicitário para divulgar os lançamentos da Editora do Globo. Geralmente o título da obra e o nome do autor eram acompanhados por uma pequena resenha e ocupavam a contra-capas, um espaço nobre dentro da *Revista* (JUNIOR, 2009: 92). Isso demonstra que a publicação do periódico tinha também por objetivo divulgar a seção editorial e a Livraria, na qual estavam disponíveis os exemplares divulgados aos compradores. Dessa forma, é possível considerar que a *Revista do Globo* contribuiu para o crescimento da indústria gráfica no Rio Grande do Sul.

aprendizes – e outros de forma indireta, mas todos com suas carteiras solicitadas garantindo, assim, seus direitos e benefícios.

### Referências:

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa. Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2007.

DALMÁZ, Mateus. *A Imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo. (1933-1945)*. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Artes Visuais. Verbete: Ponçador. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br> Acessado em: 04/05/2012.

FORTES, Alexandre. *Nós, do quarto distrito. A classe trabalhadora e a era Vargas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

FRENCH, John D. *Afogados em leis. A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

GOUVÊA, Melissa Xavier. *Crime sobre crime: A cidade de Pelotas nas páginas do jornal O Rebate (1914-1923)*. Pelotas, UFPel, 2012. (Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em História)

JÚNIOR, Cláudio de Sá Machado. *Imagens da sociedade Porto-Alegrense. Vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)*. Porto Alegre: FUMPROARTE/Prefeitura de Porto Alegre; São Leopoldo: Oikós, 2009.

KOSCHIER, Paulo Luiz Crizel. *Perfil do trabalhador pelotense na década de 1940 a partir das informações contidas nas fichas de qualificação da Delegacia Regional do Trabalho – RS*. Pelotas, UFPel, Artigo (Especialização em História do Brasil), 2006.

LONER, Beatriz. O acervo sobre trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. In: SCHMIDT, Benito. (Org). *Trabalho, justiça e direitos no Brasil. Pesquisa histórica e preservação das fontes*. São Leopoldo: Oikos, 2010, p.09-24.

LONER, Beatriz; BEM, Emmanuel de.; KOSCHIER, Paulo Luiz Crizel. Perfil do Trabalhador gaúcho na década de 1930. In: ARAVANIS, Evangelia (Org.). *Cultura operária: trabalho e resistências*. Brasília: Ex-Libris, 2010, p.27-52.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da universidade/UFPeL, Livraria Mundial, 1993.

OTTONI, Ana Vasconcelos. *Flores do vício: imprensa e homicídios de meretrizes no Rio de Janeiro (1896-1925)*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007, (Dissertação de Mestrado).

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: 3ª ed. Ed. da Universidade/UFRGS, 2003.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: UFRGS, 1999.

TROYANO, Annez. *Estado e sindicalismo*. São Paulo: Símbolo, 1978.